



Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE C. ALGARVE

Editor: ANTONIO BELEZA
Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA - EDITORA

DIRECTOR
PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:
R. DA ROSA, 105 - Telef. 2 1622 - LISBOA

Uma redução imediata
no vosso custeio!...

Pela desinfectação das se-
mentes - a sêco - com o pó

Tillantín



Porque - «a notável in-
fluência do TILLANTIN
no aumento da nascença,
permite economizar uma
apreciável quantidade de
semente por unidade de
superfície»

Secção Agrícola

SOCIEDADE DE ANILINAS, LTD.
LISBOA - Travessa das Pedras Negras, 1

Ao seu fornecedor
não peça uma "lâmpada"
peça uma

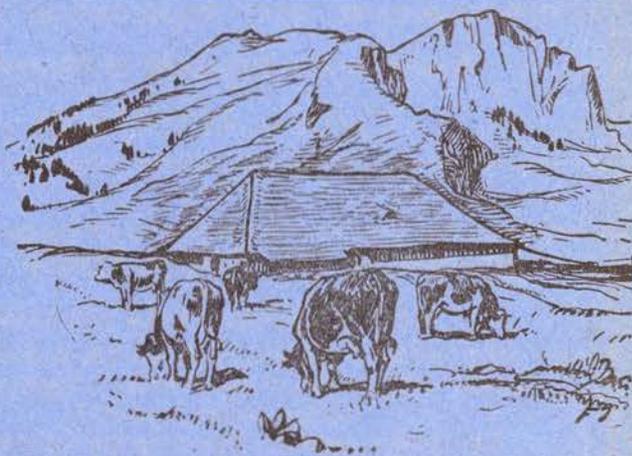
LUMIAR

A lâmpada fabricada em Portugal

por PORTUGUESES
para PORTUGUESES



NESTOGÉNO



LEITE EM PÓ NESTLÉ

Alimento ideal das crianças

Na falta de leite materno
Na intolerância de leite de
vaca e como superalimento



João Manuel Palma

SERPA

Produtor e fabricante de azeites, pelos processos mais modernos

Telefone N. 5274

J. J. d'Almeida

Cereais, Azeites e Farinhas

Rua de S. Bento, 297—Lisboa

Francisco Romão Tenório

Herdade da Figueira de Cima

Creador de muars de raça seleccionada, e de gado cavalari, bovino, suino lanigero e caprino. — Produtor de toda a qualidade de cereais.

Lãs, Cortiças, Azeites, Queijos

ARRONCHES

PATRICIOS

Inscreevi-vos na

«LUTUOSA NACIONAL»

(ASSOCIAÇÃO SOCORRO MUTUO)

Subsidios de 5, 10, 15 e vinte mil escudos

A mais solida garantia de sobrevivência

Peça hoje a sua inscrição

Entrada dos 18 aos 45 anos

Rua Victor Cordon, 31, 2.º

LISBOA

HERDADE DA GRAMICHA

DE

Francisco Adelino Gonçalves

Creador de gado bovino, suino, lanigero, azinino e caprino

PRODUTOR DE CEREAIS, LÃS, AZEITES E QUEIJOS

ELVAS

Dr. Rosado Baptista

VACINA FIEDMANN, para cura da tuberculose, das 11 às 15. Classes pobres. preço de Policlínica, ás segundas e quintas. Av. Almirante Reis, 31, 1.º — Tel. N. 4363

JOSÉ JULIO BRITO PAIS FALCÃO

HERDADE DO MONTE VELHO

Exploração Agricola e Pecuaria

Colos—ALENTEJO

CLINICA MEDICO CIRURGICA

DE

Dr. João Pulido e Dr. Covas Lima

Casa de Saúde

Tratamentos electricos, diatermia. Raios ultra-violetas, infra-vermelhos, correntes galvânicas Faradycas

RAIOS X.

Quartos para internamento de doentes

Alta cirurgia a cargo do Ex.º Sr. Dr. Amandio Pinto

R. Capitão João Francisco de Sousa

BEJA

Joaquim da Silva Brito Pais

MONTE NEGRO — VALE DO SADO

Trigos seleccionados e aprovados pela Estação de Ensaio de Sementes Cevada vulgar, aveia, centeio e milho — Legumes, carvão, cortiça, lãrhas e madeira.

Lãs, queijos, azeites — Porcos gordos e outros gados

C. J. SOARES

CIRURGIÃO DENTISTA

R. Alexandre Herculano, 108, 1.º-E.

Telefone 4 2890

Desconto de 20 % sobre a tabela aos socios do Grémio Alentejano a suas familias

Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE COTACÕES

Editor: ANTONIO BELEZA

Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORIA

DIRECTOR

PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:

R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

A lavoura alentejana

Presta homenagem ao ex-ministro da agricultura sr. dr. Leovegildo de Sousa

Como estava anunciado, a Lavoura Alentejana, representada pelos Srs. Manuel Joaquim Grave, Júlio Fernandes Potes, Francisco António da Silva Monteiro, Joaquim Tajo Monteiro, João Barreiros Tôres Vaz Freire, António e Francisco Agostinho Dias, Guilherme Francisco Perdigão Reynolds e Custódio José Alves, acompanhada de grande número de lavradores, entregou, no passado domingo, na Horta do Bispo, a mensagem de agradecimento ao sr. dr. Leovegildo Franco de Sousa.

Essa mensagem é assignada pelos representantes dos Sindicatos Agrícolas e reforçada com cerca de 4.000 assignaturas de produtores de trigo.

Esse documento, que o homenageado agradeceu com comoção, declarando que tão elevada homenagem a endereçaria ao sr. Presidente do Conselho, é concebida nos termos seguintes:

«Os produtores de trigo abaixo assinados vêm com esta mensagem trazer a v. ex.^a, a manifestação do seu aplauso e do seu reconhecimento. Aplauso pela solução dada por v. ex.^a dentro das directrizes do Chefe Senhor Doutor Oliveira Salazar, à cultura do trigo, um dos problemas mais importantes para a economia

nacional; pondo em prática e desenvolvendo o trabalho do seu antecessor, sr. tenente-coronel Linhares de Lima, v. ex.^a, encarando o problema no seu conjunto, não esquecendo como era de justiça e dentro do programa do Estado Novo, os pequenos produtores, criou a Federação Nacional dos Produtores de Trigo e a Federação Nacional dos Industriais de Moagem e tinha já projectadas a Federação dos Manipuladores de Pão e, como órgão central coordenador das actividades destes organismos, o Instituto do Pão, orientador de todos estes interesses diferentes, de modo a torná-los sinérgicos concorrendo todos harmónicamente para o levantamento da economia nacional.

Num organismo tão complexo, a prática terá certamente que introduzir modificações que o tornem mais perfeito, mas, no seu conjunto, manter-se-á, estamos convencidos, como uma das realizações mais eficientes do Estado Novo, a bem da Nação, que v. ex.^a bem serviu, como amanhã servirá de novo se a sua acção de novo lhe fôr pedida.

Esta mensagem, dissemos atrás, é também de reconhecimento pelo serviço que v. ex.^a prestou à Nação. Levado ao Ministério pelo sr. dr.

Oliveira Salazar, já v. ex.^a poude na campanha agrícola de 1932-33 auxiliar a agricultura por meio da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, sustando dentro de certos limites a baixa progressiva do preço do trigo no mercado, effectivando a garantia do preço da tabela oficial.

Da acção da Federação Nacional dos Produtores de Trigo na campanha actual, começada no meio de Junho de 1934, da sua necessidade e do seu trabalho, são testemunho perto de «237.417 contos» pagos por «164 milhões» de quilos de trigo recebido a 72.031 pequenos produtores e «132.103 contos» pagos por 1.964 descontos de trigo em regime warrantagem.

Queira v. ex.^a aceitar, ex.^{mo} sr. dr. Leovegildo Queimado Franco de Sousa, a afirmação sincera da elevada estima destes lavradores, cheios de fé na continuidade da sua obra e de esperança para continuar a labutar dia a dia na missão espinhosa de semear a Terra bendita da nossa Pátria.»

Vida Alentejana não pode deixar se associar à manifestação levada a efeito pela Lavoura do Alentejo, que é aquela que mais descurada tem sido apesar de ser ela que abastece todo o país.

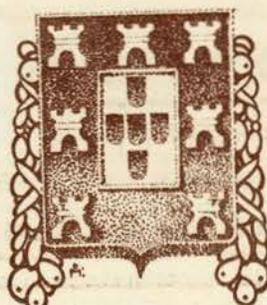
BRAZÕES ALENTEJANOS



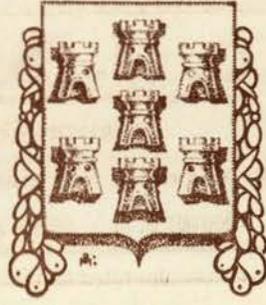
Évora



Estremoz



Arraiolos



Portel

Farinha em rama

Importante reunião onde se fazem afirmações interessantes -- Os moageiros do distrito de Beja vão criar o seu Grémio, tendo os seus colegas tanto do Algarve como de Portalegre resolvido filiar-se nesse Grémio

Dada a importância do assunto, «Vida Alentejana» entendeu mandar a Beja um delegado para assistir à anunciada reunião do dia 29.

Nesse dia o merecíssimo presidente do Sindicato Agrícola de Moura e importante lavrador e industrial Dr. Nuno de Lacerda, tomou a presidência, depois de, com a sua costumada elegância, a ter oferecido aos Snrs. César de Carvalho Miranda, importante moageiro em Odemira e a um dos delegados da moagem algarvia Joaquim Afonso de Brito, o que eles naturalmente declinaram.

Fizeram-se representar sessenta e tantas firmas das mais importantes dos 3 districtos estando 19 fábricas algarvias representadas por 3 delegados com poderes plenos para deliberar, visto faltar apenas a representação de 8 industriais.

Aberta a sessão o presidente diz que se deve proceder, com toda a cautela, dada a importância do assunto.

Sua Ex.^a diz que a indústria das ramas desempenha um papel muito importante na vida nacional, quer sob o aspecto económico e fiscal, quer sob o aspecto nacional e quer ainda como elemento da defesa nacional e por isso não se lhe deve chamar pequena moagem.

Sob o aspecto económico ela representa uma força visto o seu número ser muito elevado (9.000 unidades contribuintes) empregando muitas dezenas de milhar de pessoas, tendo a seu cargo a manufatura de muitos outros milhares.

Além de que, nas suas relações com a lavoura é ela que facilita a muitos pequenos lavradores nas ocasiões difíceis, em que ninguém lhes pode valer, farinha a crédito, o que permite a estes viver e aguardar as novas colheitas.

Finalmente sob o aspecto da defesa nacional seria a essa moagem disseminada pelo país inteiro que a população teria de recorrer, em último recurso para obter a farinha para fabricação do pão, no caso das grandes fábricas serem inutilizadas por bombardeamentos aéreos ou outros.

Nestas condições os productores de farinha em rama têm de subsistir e

1.º tratar da sua situação oficial,

definindo-a e organisando-se em grémios;

2.º tratar da sua situação interna, regulamentando-se.

E' para isso que estão ali mais uma vez.

Congratula-se com o ambiente que a comissão a que elle preside tem encontrado nas estâncias officiais, designadamente no Ministério da Agricultura e no Sub Secretariado das Corporações, onde lhe tem sido manifestada a melhor vontade em solucionar o caso a contento de todos, dada a justiça que lhes assiste.

Regista a confiança que a moagem algarvia em massa tem dado à comissão, e mandou ler pelo Sr. Remédios que secretariava a mesa, conjuntamente com o Sr. Joaquim Afonso de Brito, o decreto n.º 23 049 afim que ninguém ignore para onde vai.

Diz mais o Dr. Nuno de Lacerda que a exposição a fazer a Sua Ex.^a o Sr. Ministro da Agricultura deve versar os seguintes pontos sobre os desejos da moagem de farinha em rama:

1.º Ela quer vender a farinha que produz.

2.º Ela quer trocar trigo por farinha.

3.º Ela quer que a Federação lhe forneça trigo quando ela o não tenha.

Este é o interesse da classe, o da lavoura e o do povo!

Porque:

é preciso que a moagem subsista quer pela sua situação como valor social e económico, mas até como elemento para a defesa nacional;

Porque:

a lavoura precisa poder guardar o trigo necessário ao consumo da sua casa agrícola;

Porque:

o povo não pode passar sem o pão de farinha em rama que é mais sabroso e o que mais o satisfaz e o único que permite fazer as migas e a açorda, base principal da alimentação das classes menos abastadas.

Finalmente deve nessa exposição salientar-se que se as grandes fábricas de farinha espoada que se criaram nas regiões cerealíferas têm uma capacidade maior do que a que deviam ter para poderem manter-se sem atropelar os interesses adquiridos e existentes, não é evidentemente à

moagem de farinha em rama, que cabe desaparecer, para dar lugar a essa super produção de farinha espoada, pois não foi ela a causadora dessa super produção.

Há ainda um aspecto da questão que é muito de atender, pois representa um problema social, a fabricação de pão de farinha em rama.

Quando a mulher de um pequeno ceareiro enviuvava e não tinha outro recurso para manter-se e aos filhos, amassava pão para o povo que lho comprava.

Hoje, devido à fiscalisação, nem essas mulheres nem as padarias podem amassar pão de farinha em rama e o povo está privado dele, quando não pode ou não tem quem o amasse, e o lavrador que comprava o pão daquelas padeiras é obrigado a fazer o pão que precisa para manter a sua casa, por não ter onde o comprar.

A assembléa depois de se ter manifestado de acôrdo com todos os pontos de vista emitidos resolveu que se fizesse um requerimento ao Ex.^{mo} Sub Secretário das Corporações, pedindo-lhe para que o Grémio dos Moageiros de farinha em rama do districto de Beja, possa admitir como sócios os moageiros do Algarve e de Portalegre, o qual foi assignado por todos os presentes.

Também resolveu que a exposição a fazer a Sua Ex.^a o Snr. Ministro da Agricultura só fôsse apresentada depois de constituído o Grémio, para o que será convocada nova reunião brevemente.

H. V.

CLINICA MEDICA DENTARIA

Catçada do Carmo, 25, s/1.-D. — Telefone 2 7146

Todo e qualquer trabalho de cirurgia da especialidade — Clinica medica 20% de desconto aos assinantes da VIDA ALENTEJANA e socios do Gremio Alentejano, sobre a tabela afixada no Consultório

AOS NOSSOS ASSINANTES: Prevenimos os nossos assinantes que vamos proceder á cobrança da 2.ª série, pedindo a todos que nos evitem novas despesas com as cobranças, satisfazendo os recibos quando lhe forem apresentados.

O Alentejo retalhado?

A propósito da divisão do País em províncias

Por Luiz de Sousa Gomes

Conforme prometi e com o prévio consentimento de Pedro Muralha, prossigo hoje nas ligeiras considerações que, sob êste título iniciei no décimo número da *Vida Alentejana*.

Finalizei o anterior artiguelho afirmando, que ao contrário do que acontecia em Espanha, em Portugal, não se tinham dado ou haviam as razões para a divisão do País em Província.

Se não, vejamos:

Duarte Nunes de Leão, na sua *Descrição do Reino de Portugal (1599)*, epígrafa o capítulo II desta sua interessante obra, da seguinte forma: — «Das regiões e comarcas em que se divide o reino de Portugal e das cidades e villas, que nelle ha».

O primeiro escritor em que encontro e vejo empregar a classificação de «Província» é o espanhol Estevão Garibay, no seu — «*Compendio Historial de las Cronicas y Universal de todos Reynos de España*» (1628), mas escrita a parte referente a Portugal, — segundo afirma o autor — em 1567.

Escreve êle:

«*Divide-se Portugal em tres Provincias llamadas Alentajo y Aquentajo siendo la tercera de entre las aguas à Duero y Miño...*»

Mas deixemos êste, que como espanhol, divide o nosso país da maneira como era uso na sua nacionalidade e, vejamos como na primeira metade do século XVIII, o faziam os autores portugueses.

São os primeiros em que encontro a palavra «Província», como divisão territorial do nosso país.

O P.^o Carvalho da Costa, na sua estimada «*Corografia Portuguesa e Descrição Topografica*», chama ao Alentejo — «... a heligera provincia», com «*quarenta legoas de comprido, e trinta de largo com oito comarcas, Evora, Beja, Campo de Ourique, Vila Viçosa, Elvas, Portalegre, Crato e Aviz*».

Na «*Geografia Histórica de Portugal*», D. Luiz Caetano de Lima, escreve: — «*Quinta Provincia de Portugal, e huma das mayores do Reyno*».

Divide-se em 8 jurisdições que são as correições de Elvas, Evora e Portalegre, e as Ouvidorias de Aviz, Beja, Campo de Ourique, Crato e Vila Viçosa».

No *Mapa de Portugal Antigo e*

Moderno, diz João Baptista de Castro, (1745-1747):

«*Ha em Alentejo quatro cidades: Evora, que tem arcebispo; Elvas e Portalegre, que tem bispos; Beja que o não tem. Contam-se mais de cem vilas dous grandes Priorados das Ordens Militares de Aviz, e de Malta. Divide-se em 8 «comarcas», que são Evora, Beja, Campo de Ourique, Vila Viçosa, Elvas, Portalegre, Crato, Aviz, das quais algumas são «Ouvidorias».*

António de Oliveira Freire, na *Descrição Corográfica do Reyno de Portugal* (1755), afirma: —

«*A Fertilissima Provincia do Alentejo, ainda que por sua grandeza deve ser das primeiras, ocupa pela sua situação o quinto logar na descrição das terras do nosso Reyno. Divide-se em 8 «Comarcas», que são as de Evora, Beja, Campo de Ourique, Villa Viçosa, Elvas, Portalegre, Crato, Aviz*».

Com pequenas diferenças foi esta a divisão do Alentejo, até ao movimento revolucionário de 1820, que estabeleceu a monarquia constitucional.

Pelo exposto, muito resumidamente, depreende-se: — que nos primeiros períodos da nossa nacionalidade, eram as terras e concelhos, e as vilas, coutos e honras, o delinhiamento da divisão territorial, como muito bem o afirma e conclue Tito de Sousa Larcher, nos seus «*Estudos de Regionalismo*».

A freguesia confunde-se com vila, e não há diferença entre concelho e vila, a que geralmente estava anexo o respectivo termo.

Algum tempo após, por necessidades espirituais dos seus habitantes, apparecem novas freguesias a dentro do termo do concelho ou vila, mas sem outras características do que do culto e sem correspondência com qualquer organismo ou carácter administrativo ou official que, só a legislação da monarquia constitucional lhes conferiu em 1835.

A legislação porque se regia era a do concelho em cuja área fazia parte ou da vila a cujo termo pertencia.

Segundo a douda opinião de Gama Barros — *História da Administração Publica* — por mim já citado, nos primeiros periodos a confusão é enorme: — «o termo de vila» é empregado tambem — aldeia, granja, casal, prédio rústico, e que mais ou-

tras significações, não tendo o restricto e determinante significado actual.

É um interessante trabalho de investigação e observação que nos legou Gama Barros, e para onde remeto o leitor estudioso destes assumtos, visto que neste local apenas me limito a rabuscar e coligir uns simples tópicos.

Com o movimento de 24 de Agosto de 1820, levado a efeito no Porto, entra-se em nova fase. Implanta-se o regime liberal no nosso país.

O assunto não deixa de ser de veras interessante e por isso o abordaremos no próximo número.

Portalegre—Novembro—1934.

Lutuosa

Arronches, Novembro de 1934. — No dia 23 faleceu a sr.^a D. Margarida Rosa Osório Pereira Fragata, esposa do sr. Adelino da Conceição Fragata, lavrador deste concelho.

O funeral da inditosa senhora demonstrou bem o pezar que causou o seu prematuro passamento. No prestito encorporaram-se centenaes de pessoas de tôdas as classes sociais.

Nas ruas por onde o prestio passou o comércio encerrou as suas portas.

Da entrada da vila até ao cemitério organizaram-se oito turnos, compostos:

1.^o — Pelos srs. Carlos Alberto Barbosa de Moraes, Carlos Alberto de Sousa Lacerda, Francisco Romão Tenório, Francisco Venâncio Correia Júnior, Gaspar Maria Pires e Henrique Pedroso de Oliveira Tavares.

2.^o e 8.^o — Pelas senhoras D. Ana Augusta Telo Tavares, D. Fernanda Sainz Valeriano, D. Margarida Moura Tenório, D. Maria Angélica Gomes Lacerda, D. Maria José Gomes Lacerda e D. Teodora Augusta Telo Tavares.

3.^o — Pelos srs. Adriano de Oliveira Barbas, António de Oliveira Barbas Benito Tenório Valadares, Izidro Marques Venâncio Júnior, João Pereira Carrilho e Manuel Joaquim Venâncio.

4.^o — Pelos srs. António Moura Tenório Júnior, António Ponte Romão, Fernando Moura Tenório, João Manuel Palmeiro Rato, Rodrigo Rasquilha Barradas e José Manuel Palmeiro.

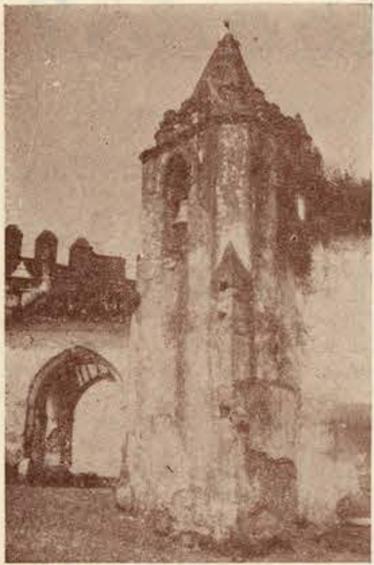
5.^o — Pelos srs. António Joaquim Manuel, Francisco Mouquinho Júnior, João Alves Trindade, João Ponte Romão, Joaquim Ponte Romão e Raul Mendes Ferreira Mota.

6.^o — Pelos srs. António Dias Pedreira, António Mousinho Furtado, Francisco Bigares Pacheco, Joaquim Monteiro, José do Carmo Moura e Miguel da Conceição Mendes.

7.^o — Pelos srs. Alberto Júlio Gomes Lacerda, António Almeida Moura, António José Trindade, Diogo Máximo, Joaquim dos Santos Margalho e José Vicente Neves.

Fezchou o caixão o sr. Filipe José Quezada' cunhado da falecida, e dirigiu o funeral o sr. Teófilo Augusto de Oliveira.

Tôrres no Alentejo



MONFORTE

SÃO raras as terras alentejanas que não possuem, como se fôssem sentinelas vigilantes, uma torre a desafiar os astros e os tempos.

Geralmente, a torre principal de cada povoação é destinada ao seu relógio, para que de hora a hora, e algumas de quarto em quarto de hora, a voz do bronze, com tôda a sua sonoridade, lembre aos seus habitantes que ela, a torre, está sempre álerta, umas vezes sob os raios ardentísimos do sol, outras açoitada pelo vento dos vendavaes, ou então banhada por uma luz côr de opála, ou envolvida nas mais densas trevas.

Algumas são bem interessantes,

essas tôrres; outras constituem documentos valiosíssimos, páginas de pedra e cal da nossa história pátria.

Mas se portugueses existem que tratam êsses rústicos e modestos monumentos com o carinho que êles requerem, outros há que, sem respeito algum pela arqueologia, sem consideração alguma pelos séculos passados sôbre êsse monte de pedras motilam sem consciência êsses monumentos.

Apresentamos, como exemplo, a velhíssima torre de Santa Maria, em Beja.



PIAS

A antiga Matriz de Beja, é mais velha do que Portugal. E' um dos templos mais antigos do país, cremos que Mesquita adaptada a templo cristão logo após o aparecimento de Cristo.

A voz do seu sino do relógio tem marcado o tempo hà mais de 10 gerações. E' uma voz eterna, que se repete de hora a hora, que não se cança e que

através os séculos vai marcando o tempo

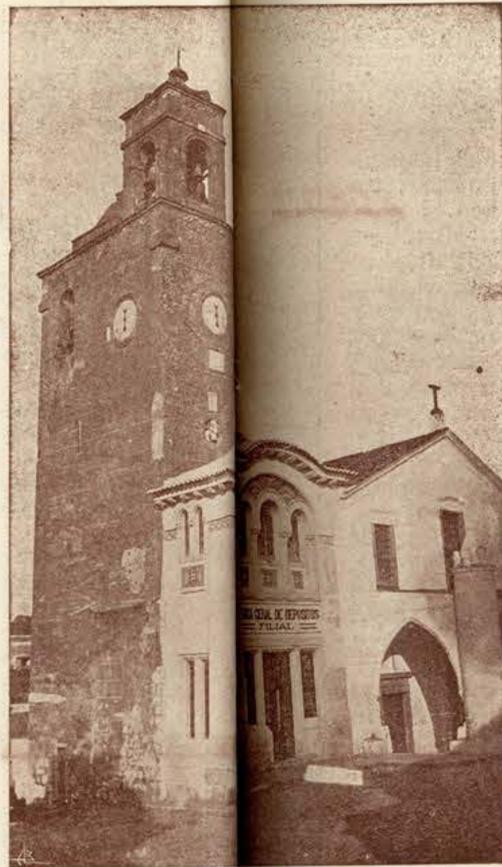
nossa nacionalidade, edificou — mãos sacrílegas — um edifício moderno, para instalação da sucursal da Caixa Geral dos Depósitos.

E lá se encontra êsse monstrosinho pretencioso, a prova do passado, e lá se conservará até um dia que alguém, com noções que teriam tanto direito a figurar nesta página como as que produzimos em gravura. Não! Se a outras não nos referimos é porque seriam necessárias muitas páginas para poder inserir todos êsses monumentos que vivem no coração de quási todos os povos alentejanos, erguendo-se imponentemente como a desafiar os astros e os seculos.

Na degressão que o autor destas linhas tem feito por todo o Alentejo, tem visto tôrres verdadeiramente originais.

Assim, a Torre das Cinco Quinas, em Evora, pertencente ao Palácio Cadaval. Essa torre oferece uma imponência formidável.

Em Monforte, fomos encontrar uma torre também as-



TORRE DE MARIA = BEJA

de Portugal, consideremos êsses tôscos monumentos como documentos sagrados.

Pois, nessa antiquíssima torre, que é um monumento que traduz o nascimento da nossa nacionalidade, aqui fica pois, a nossa singela mas sincera homenagem a essas sentinelas alentejanas.



CAVIDE

sás interessante. Tem apenas 3 quinas como se pode verificar pela gravura que ilustra êste artigo. E' pena que essa torre esteja em completa ruína.

Em Fronteira, a torre do relógio nasce dos ombros dum prédio. Foi mandada edificar por Filipe II de Espanha, não podendo negar a sua origem, pelo estilo típico que possui.

Mas uma outra torre que nos fez descobrir quando ali passámos, é a torre de Pias, povoaçãozinha que se espalha no caminho de Serpa a Moura — dissemos que se espalha porque Pias é uma das maiores aldeias que conhecemos. Tudo casas térreas com enormes quintais. Essa torre, como se poderá ver pela respectiva gravura, ergue-se imponentemente, dando-nos ao longe a impressão de nascer no meio da estrada, e que é o guarda-valente que nos pretende deter no nosso caminho.

Outras tôrres como a de Messejana, Niza e tantas outras se espalham por êsse Alentejo fóra, algumas bem antigas, e que têm sido testemunhas de tantos episódios que matisam a nossa história.

Ao menos como respeito ao passado glorioso



VIDIGUEIRA

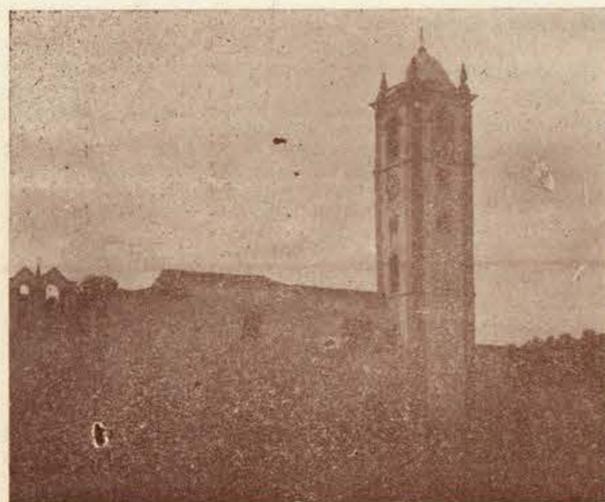


FRONTEIRA

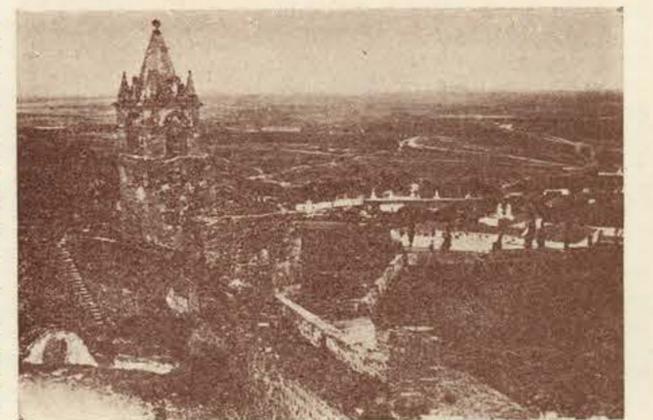
constantemente olhadas devido aos ponteiros que, sem cessar marcam o tempo, ora para entrar no trabalho, ora para o largar.

E este detalhe do nosso Alentejo é interessantíssimo. E por isso o focamos, como havemos de focar nestas páginas tudo o que o Alentejo tenha de interessante, como as suas fontes principais, os seus rios, as suas pontes, e tantas outras belezas que facilmente passam despercebidas aos proprios alentejanos, coisas que, por forma alguma não podem deixar de chamar a atenção dum artista, ou de um jornalista.

O leitor, que coleccionar a nossa revistazinha ficará decerto, com um precioso documentario do nosso Alentejo.



MESSEJANA



MOURÃO

Não pretendendo, com êste artigo, deixar no olvido outras torres que teriam tanto direito a figurar nesta página como as que produzimos em gravura. Não! Se a outras não nos referimos é porque seriam necessárias muitas páginas para poder inserir todos êsses monumentos que vivem no coração de quási todos os povos alentejanos, erguendo-se imponentemente como a desafiar os astros e os seculos.

Essas torres, finalmente, que são destinadas quási sempre ao relógio da localidade não são só lembrados pela vóz do bronze. São

A ROSEIRA

Sua origem e sua importancia "ética e étnica"

Pelo Professor S. Decker

V

A festa de Midas, que coincidia com o equinoxio da Primavera, era uma das seis grandes festas da religião persa, comemorativas dos seis dias da criação do mundo. Para os persas, a rosa e o rouxinol são os mensageiros da Primavera. A festa de Midas é, pois, nem mais nem menos que a própria festa da rosa, cujo simile vamos encontrar nas festas equinoxiais dos povos do norte da Europa, onde a rosa serviu como se pode verificar (e como ainda hoje acontece) para adornar os templos pagãos! As grandiosas epopeias daqueles povos, bem como a lenda da «belle aux bois dormant» rescendem as mesmas inebriantes fantasias que lhes formam um fundo comum. No «Niebelungem» vem a lenda de um jardim de rosas», cercado por um fio dese da vermelho, que o heroi teve de transpôr para conquistar a bela Criemhilde. Que alto simbolismo o dessa associação poética — um jardim de rosas o coração de uma mulher e a força irresistível de um heroi! A rosa tinha para aqueles povos uma triplíce significação: era o símbolo da força do sol da primavera vencendo o inverno; era o prêmio simbólico conferido ao heroísmo a serviço do direito; significava, enfim, as delícias purísimas do amor sagrado. A rosa personificava, pois,

tôda a ideologia poética daqueles «barbaros». E foi por assim o compreenderem que os apóstolos vindos da «Urbe urbium» cedo reconheceram que outras armas que não apenas da palavra eram necessárias na luta com aqueles povos, cuja grandeza de sentimentos resplandecia na candura do culto da rosa e na sua indomável bravura. A sabedoria dos enviados de Roma viu então na rosa a arma necessária. E a introduziram sem demora no ritual do seu culto, que com isso ganhou mais beleza e graça. O mesmo destino bom da rosa tiveram, em seguida outras práticas religiosas tiradas do rito pagão daqueles barbaros magníficos. Assim é que, a começar pela rosa, lançaram-se os apóstolos da nova fé a enriquecer as suas celebrações com aquilo de realmente bom e belo criado pela evolução ascendente da humanidade, em torno dos deuses pagãos.

Quem hoje ousaria taxar de idolatria a tão cristã celebração da árvore do Natal, que para os povos do Norte tão ávidos de luz, era o símbolo da vitória do sol sobre as trevas intermináveis de inverno? Criada e cultivada pelos barbaros, tornou-se no seio da cristandade o símbolo das almas candidas cheias de fé e dos corações simples que acreditam no Verbo Encarnado e na Luz Eterna!

(Continua)

A cadeia de Beja

É um antro imundo
que necessita ser derruido

O nosso querido amigo dr. Oliveira Guimarães é um dos magistrados mais novos, mas com o cérebro mais desempoeirado que conhecemos; Rapaz escritor da nova geração, êle não é só um magistrado recto: têm coração; ferem a sua sensibilidade actos de desumanidade.

Ora, tendo ido para Beja, como delegado do Procurador da República, êle inquiriu das condições em que vivem os prisioneiros.

E o que viu? Que estes vivem num tugurio, impróprio até para cães.

A cadeia de Beja, situada na praça principal da cidade, há muito que devia estar destruída como respeito a uma civilização. Foi edificada há mais de 300 anos, pois essa construção foi mandada executar no tempo da dominação espanhola. E' um autentico pardieiro. Ele ainda traduz a escravidão em que o povo português viveu durante 80 longos anos.

A enxovia então é o que pode existir de mais asqueroso, de mais repelente. E' necessário não existir a mais pequena noção de humanidade para se manter naquele tugurio gente.

O sr. dr. Oliveira Guimarães, porém, logo que chegou a Beja e teve conhecimento do caso, pensou em praticar, em nome não só da justiça mas da humanidade um acto que satisfizesse o seu coração de homem bondoso.

Assim, convocou, para uma reunião no seu gabinete os delegados da imprensa local e representantes dos jornais de Lisboa, tendo-lhes exposto a urgente necessidade de reclamar dos poderes competentes, a construção duma nova cadeia.

A iniciativa foi recebida com o melhor carinho estando a imprensa de Beja disposta a não largar o assunto de mão enquanto, o camartelo do pedreiro não fizer demolir esse antro de podridão.

Vida Alentejana levanta também a sua voz, ainda que debil, para que as aspirações do sr. dr. Oliveira Guimarães secundadas por todo o povo da Pax-Julia romana, sejam satisfeitas.

Melhoramentos no Alentejo

Empréstimo à Camara de Arraiolos

Foi autorizado um empréstimo de 400 contos à Camara Municipal de Arraiolos, para melhoramentos, como edificios escolares, luz electrica etc., assim como para liquidação dos débitos aos hospitais de Lisboa.

Homenagem a Olivença

Numa das últimas sessões da Câmara Municipal de Ponte de Sôr foi resolvido que à artéria junto do Hospital Vaz Monteiro, e Teatro seja dado o nome de Avenida de Olivença.

Também a Câmara Municipal de Arronches resolveu dar á antiga rua dos Paus, o nome de Olivença.

Os brazões alentejanos

Os brazões que inserimos no nosso último número, vieram, por engano na casa de impressão, enganados. Assim o que traz a legenda de Beja, pertence o Moura, trazendo o braço de Beja a legenda de Portalegre e este a de Elvas por último a de Elvas a de Moura.

Pedimos paciência aos nossos presos leitores.

Vimos em Lisboa

Nossos presados assinantes :

De Ferreira do Alentejo—Sr. Luís António Passanha Pereira e sua Ex.^{ma} esposa, e José Passanha Pereira.

De Arronches—Sr. Francisco Romão Tenório e seu filho Francisco Ponce Romão Tenório.

De Elvas—Srs. Joaquim Córado Caldeira e Joaquim Guilherme Vasconcelos Azevedo e Silva.

Cabeço de Vide — Luiz Frade Caldeira.

Carlos Homem de Sá

ADVOGADO

Rua da Vitória, 88-3.º

Telef. 27277

LISBOA

O Problema do Trigo

E' muito importante a nota officiosa que o sr. Ministro da Agricultura enviou á imprensa.

E' esse importante documento dividido em 7 artigos, sendo os primeiros dois, um estudo meticoloso sobre o regimen das importações desde 1857.

Como só interessará á lavoura o aspecto do presente, limitamo-nos a descrever os 5 artigos oportunos :

3.º O consumo de trigo de 1915 a 1929, expresso em médias quinquenais, foi o seguinte:

Anos	Quantidades quilos
1915/1919	267 milhões
1920/1924	391 »
1925/1929	417 »

As quantidades disponíveis para o consumo correspondem á soma das produzidas e das importadas, deduzindo-se da soma as quantidades reservadas para sementeira. Só se não fez essa dedução quanto aos anos de 1915, 16 e 17, por não serem conhecidas as quantidades semeadas.

Pelo presente quadro verifica-se, pois, que houve um decrescimo de consumo no periodo que vai de 1916 a 1919 não só em relação ao aumento da população, mas até em relação ao consumo médio de 1899 a 1914.

Além das reservas que os numeros possam merecer, o caso tem explicação nas condições economicas criadas pela guerra e na legislação promulgada na primeira parte desse periodo. Os salarios subiram, subiram os adubos e o material agrícola, e, apesar disso, a lavoura foi obrigada a entregar os trigos pelos preços da lei de 99. Para esse fim, promulgou-se uma legislação moldada sobre os «preceitos medievais» com arrolamentos, peias, vexames de que resultou o abandono das terras. A deminiuição da produção e as proprias dificuldades e encargos de importação, explicam esta quebra forçada de consumo. Mas no quinquenio seguinte sobe, e, mais sobe ainda, no quinquenio de 1924 a 1929, em que o consumo atinge 417 milhões.

Consideremos, agora, o consumo achado de 417 milhões em face dos numeros que exprime as colheitas de 1932 e de 1933. As produções destes dois anos foram calculadas em 1.062 milhões de quilos pela estatística official. A este numero temos de adicionar 45 milhões importados do estrangeiro, 8 milhões que vieram das colonias e 6 milhões importados pela Manutenção Militar, porque se juntaram á colheita de 1932 e com ella foram lançados em consumo.

Em milhões de quilos.

Total	1.121
Quantidades reservadas para sementeiras nos dois anos...	100
Quantidades disponíveis para consumo	1.021
Consumo provavel nos 2 anos	834
Sobra que devia ter passado para o ano de 1934/1935...	187

Não foi, todavia, este o excedente encontrado o que transitou para o ano cerealifero corrente.

Pelo inquerito a que se procedeu pela Inspeção Tecnica das Industrias e Comercio Agricolas, referido a 12 de Agosto proximo, verificou-se que as sobras em trigos e farinhas existentes nas fabricas eram de 68 milhões de quilos de trigo e de 9 milhões de quilos de farinha equivalentes, na totali-

dade, a 80 milhões de quilos de trigo. A este numero devem adicionar-se cerca de 10 milhões de quilos de trigo correspondentes ao consumo dos primeiros 12 dias do mês de Agosto. O excedente foi, pois, de 90 milhões de quilos. A razão da diferença parece estar na errada representação da colheita de 1933, que não foi de 431 milhões, numero da estatística official, mas sim de 347 milhões, numero apurado pela Inspeção Tecnica das Industrias e Comercio Agricolas. Sendo assim, o excedente baixa para 103 milhões, numero que condiz com os resultados do inquerito, se pensarmos que a diferença entre estes numeros é explicable pela existencia de farinhas na posse dos armazenistas e industriais de padarias. Seja, porém, como fôr, a verdade é que dispomos para o consumo do ano corrente de 90 milhões de quilos de trigo do ano passado e do trigo da ultima colheita, que foi abundante. Os numeros apurados até agora pela F. N. P. T., a respeito desta colheita, dão-nos as expressões seguintes, em milhões de quilos:

Produção	575
Disponivel para venda	434
Numero de manifestos apurados...	9400)
Total dos manifestos	126 541

Falta o apuramento de 32.541 manifestos. Talvez não seja exagerado pensar que, embora esteja incluida na cifra de 575 milhões a produção dos concelhos mais importantes, o que resta apurar, eleve o total para 675 milhões.

A colheita de 1932 deu nos 631 milhões e esta parece maior.

Deduzindo-se da produção 50 milhões para sementeira e juntando a diferença ás sobras do ano passado, encontram-se 715 milhões de quilos disponíveis para consumo.

E' possivel que o consumo seja superior a 417 milhões de quilos por ano. Se o não fôr, tem de prever-se um excedente de cerca de 300 milhões.

4.º Seja este ou seja menor o excedente, é indiscutivel que o facto, tal qual se apresenta, impõe a revisão do problema do trigo e do pão, que se desdobra nos aspectos seguintes: preços dos trigos, preços das farinhas, das massas e do pão, aproveitamento das terras menos apropriadas á cultura do trigo, tirada e pagamento do excesso da colheita de 1934, credito e respectivos encargos armazenamento e conservação do trigo.

Em regime de livre concorrência teriamos tido uma baixa de preços cujo limite não é possivel determinar. A existencia de quantidades excessivas, dada a fraqueza e sensibilidade da nossa economia, teria causado um movimento de oferta desproporcionado á procura e ás necessidades do consumo e, nessas condições, os preços teriam sido arrastados para uma divisa inferior e até miserável. O aumento de riqueza, criada pelo esforço da lavoura, não teria sido atribuído á lavoura. Teria ficado pelas engrenagens comerciais e industriais, sem grande proveito para o proprio consumidor.

Entretanto, tinha-se operado a retracção nas sementeiras e o regresso ao regime deficitario. A F. N. P. T. evitou esses males mantendo os preços e com eles favorecendo o aumento da produção.

Entre as causas que determinaram esse aumento figuram: a propaganda pela Imprensa, pelo livro, pela conferencia; o esforço animador do Estado, pela Campanha da Produção Agrícola, pelo credito, premios de arroteia e de cultura, pela assistencia tecnica e pelas demonstrações culturais; facilidades de aquisição e pagamento de adubos, condições climatericas favoraveis. Mas, entre todas não é, certamente, de somenos

importancia a existencia de um preço que se mantinha no meio da derrocada geral dos preços dos generos agricolas.

E' certo que o aumento da produção se fez principalmente á custa do aumento da area cultivada e que, por isso, a produção continua a ser dispendiosa e cara. Mas é indubitavel que é hoje menos aleatoria do que era e que, no plano da economia geral, os preços do trigo denotam um certo desequilibrio em relação aos preços de outros produtos agricolas.

Por outro lado, é de desejar que aumente o consumo de pão e de massas que é excessivamente baixo em relação á produção ou á parte da população que se alimenta de trigo.

Do aumento do consumo de um produto pode conseguir-se pela diminiuição do seu custo ou pela melhoria da sua qualidade ou por uma e outra ao mesmo tempo. De resto, o problema reveste dois aspectos: o economico e o social. Este não prevalece sobre aquele.

Mas, se é construir sobre areia pretender a resolução dos aspectos sociais dos problemas sem ter encontrado a solução economica, que é o seu fundamento, a verdade é que, nas preocupações do Governo está a ideia de melhorar as condições sociais á medida que a economia o consentir.

5.º Eis as razões porque se entende que os preços dos trigos tem de ser utilizados para actuarem como elemento regulador da produção e do consumo a fim de se evitarem para a lavoura e para o País os males da sobreprodução de um genero que se não pode exportar e os motivos que nos conduzem, além de outros, a promover a baixa do preço dos trigos da futura colheita e a baixa correspondente dos preços das farinhas, dos sub-produtos, do pão e das massas alimenticias quando esses trigos entrarem no consumo.

Os factos relativos dizem do cuidado a pôr na execução deste pensamento. Por isso, se não decreta desde já a tabela dos trigos da nova colheita.

Aguarda-se o apuramento da produção, o movimento do consumo no ano corrente, noticia da area semeada e a perspectiva da nova colheita, para se poder resolver com acerto ou com menos probabilidade de erro. Ainda em obediencia ás mesmas razões deve limitar-se a sementeira de trigos denominados «tremeses», no ano cerealifero corrente, apenas ao indispensavel para se constituirem as reservas de semente ou para rematar searas temporãs destruidas pelas inundações.

Tanto mais que, pelo menos, os «tremeses» rijos terão de ser desvalorizados atenta a sua inferior qualidade, bem como a mistura ou lote em que eles entrarem.

Entretanto parece conveniente dizer á lavoura que, apesar do seu meritorio esforço, a produção do trigo por hectar continua a ser baixa. Que deve procurar produzir melhor e mais barato, eliminando as variedades inferiores, aumentando a produção por unidade de superficie e entregando a outros destinos as terras menos apropriadas á cultura do trigo.

Por isso mesmo, a lavoura tem de ser chamada a produzir mais carne e de melhor qualidade e a aumentar a produção dos generos agricolas em que somos deficitários ou cuja exportação se poder fazer. Estão neste caso o arroz, as frutas e os produtos da exploração florestal.

Aquí como na Italia pode dizer-se que o Estado Novo é um fenomeno rural e que os destinos da agricultura, aos quais se acham ligados os da industria, só podem realizar-se deminiundo o custo da produção.

Cotação dos produtos agricolas

Designação	Beja mercado 5 de Nov.	Evora	Portalegre Mercado	Eivas	Lisboa	Estremós mercado de 30 de Nov.
Aveia, 20 litros	6\$50	7\$00	8\$00	7\$00	8\$00	7\$00
Centeio, 20 litros	—	k. 7\$80	14\$00	—	—	—
Cevada, " "	7\$50	9\$00	10\$00	13\$50	9\$00	9\$50
Fava, 20 litros	13\$00	14\$00	17\$00	13\$00	14\$00	14\$00
Grão de bico, 20 litros	2\$250	25\$00	28\$00	22\$00	25 30\$00	22\$00
Lã } branca, 15 kilos	—	140\$00	150\$00	130\$00	140\$00	145\$00
} preta, " "	—	130\$00	120\$00	100\$00	110\$00	120\$00
Queijos } cabra, kilo	12\$00	cent. 80\$00	80\$00	12\$00	—	12\$00
} ovelha, kilo	12\$00	" 70\$00	14\$00	12\$00	—	12\$00
Azeite, 10 litros	(litro) 5\$50	60\$00	60\$00	60\$00	58\$00	60\$50
Cortiça, 15 quilos	—	9\$00	—	—	—	—
Vinho } branco, 500 litros	500\$00	375\$00	450\$00	—	—	—
} tinto, " "	500\$00	375\$00	450\$00	—	—	—
Carvão, 15 quilos	—	5\$50	6\$00	5\$00	—	5\$00

Cotação de gados

Designação	Beja Mercado 6-X	Evora mercado de 30 de Nov.	Eivas	Estremós mercado de 30 de Nov.
Cavalo de sela	3.000\$00	2.000\$00	2.500\$00	3.000\$00
Parelha de cavalos	5.000\$00	4.000\$00	5.000\$00	6.000\$00
Jumento	500\$00	400\$00	300\$00	4.000\$00
Parelha de muares	8.000\$00	8.000\$00	8.000\$00	7.000\$00
Junta de bois	4.000\$00	4.000\$00	5.000\$00	5.000\$00
» vacas	3.000\$00	2.800\$00	3.000\$00	3.500\$00
Vaca leiteira	2.000\$00	2.000\$00	1.500\$00	1.800\$00
Novilhos	700\$00	—	2.000\$00	—
Vitela de 6 mezes	400\$00	400\$00	600\$00	600\$00
Carneiros	100\$00	90\$00	90\$00	90\$00
Ovelhas	100\$00	100\$00	70\$00	70\$00
Borregos	20\$00	50\$00	30\$00	30\$00
Cabra leiteira	110\$00	100\$00	120\$00	120\$00
Cabrito	20\$00	25\$00	30\$00	30\$00
Porco, em vivo	(Arroba) 80\$00	250\$00	(1 ano) 250\$00	360\$00
Bacoros	50\$00	30\$00	(2 ano) 140\$00	145\$00
Leitão de mês	12\$00	15\$00	15\$00	10\$00

Salários médios

Concelhos	Designação de trabalhos	SALÁRIOS				Observações
		Homens		Mulheres		
		A sêco	C/ comida	A sêco	C/ comida	
Evora	Trabalhos da época	8\$00	3\$50	3\$00	2\$50	
Portalegre	Trabalhos da época	—	5\$00	3\$50	3\$50	
Borba	Vindima	7\$00	—	3\$00	—	
S. Tiago do Cacem	Lavoura	8\$00	4\$00	—	—	
Beja	Sementeiras	7\$00	5\$00	—	—	
Eivas	Sementeiras	8\$00	3\$00	4\$00	2\$00	
Estremós	Sementeiras	—	3\$00	4\$00	—	
"	Apanha da azeitona	—	8\$00	—	4\$00	

Carnes verdes e fumadas

Designação	Preços por quilograma						
	Beja	Redondo	Evora	Portalegre	Eivas	Lisboa	Estremoz
Cabra	4\$00	—	—	5\$00	—	7\$00	5\$00
Cabrito	4\$00	—	—	5\$00	—	8\$00	5\$00
Carneiro	5\$00	—	6\$00	5\$00	6\$00	7\$60	5\$00
Porco } com osso	10\$00	6\$00	9\$00	8\$00	6\$00	9\$00	6\$00
} sem osso	12\$00	12\$00	14\$00	12\$00	12\$00	12\$00	12\$00
Vaca } com osso	5\$20	—	6\$50	4\$40	4\$00	9\$00	5\$00
} sem osso	10\$20	—	12\$00	8\$80	8\$00	—	10\$00
Chouriço	16\$00	18\$00	16\$00	12\$00	14\$00	—	14\$00
Farinheira	—	—	8\$00	7\$00	10\$00	—	10\$00
Morceia	—	14\$00	10\$40	7\$00	10\$00	14\$00	10\$00
Paio	18\$00	20\$00	—	16\$00	16\$00	8\$00	18\$00
Presunto	15\$00	—	—	18\$00	18\$00	8\$00	22\$00
Toucinho	7\$00	10\$00	7\$20	6\$20	9\$00	24\$00	8\$00
Banha de porco	8\$00	8\$00	8\$00	7\$00	9\$00	12\$00	9\$00

Lavoura Electrica



**MOTORES, DINAMOS,
ELECTRO-BOMBAS
INSTALAÇÕES ELECTRICAS**

ORÇAMENTOS GRATIS

Dirigem-se aos nossos Revendedores ou á

SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE

LISBOA

PORTO

Rua dos Fanqueiros, 92



Rua Sê da Bandeira, 209

Adubos "SAPEC"

Superfosfatos

Sulfato de amonio

Adubos potassicos

**Adubos mixtos para
todas as culturas**



Os melhores adubos

Nas melhores sacarias

"SAPEC"

Rua dos Fanqueiros, 121

LISBOA

ADUBOS

Não comprem sem nos consultar!

No intuito de bem servirmos a lavoura portuguesa, temos á venda todos os ADUBOS, aos melhores preços, e nas melhores condições.

Sulfato de amonio: 21 % de azote, cristal em sacos cozidos á maquina.

Sulfato de amonio: 21 % qualidade coke, macio, em sacos cozidos á mão.

Nitramonio: 21 % de azote, sendo metade nitrico, metade amoniacal—40 % de cal. O mais barato adubo azotado.

Cianamido: 19/20 % de azote

Fosfato Allegro: 26 % de cal, o mais barato e melhor adubo fosfatado, para terras fracas, acidas ou pobres de cal.

Superfosfato Leão: importado da Holanda. A 12 %, 16 % e 18 %.

Fosfato Tomaz: 14 %, 16 % e 18 %.

Cloreto de potassa
Sulfato de potassa
Kainite

Grandes reduções de preços sobre estes adubos.

Niphokallum (três adubos em um só. Adubos concentrados granulados.)
«Albatrós»

Purgueira «Cabrinha»
Ricino belga
Fosfato de amonio
Adubos organicos, farinha de peixe, adubos compostos.

O maior sortido em adubos. Consultas técnicas a cargo de um competetissimo agrônomo

Sociedade de Adubos Reis, L. da

Rua da Betesga, 41, 1.º — LISBOA

LUSALITE

Fibrocimento nacional

O material mais indicado para nitreiras, silos, coelheiras, aviários, colmeias, depósitos para água, vinho e azeite, canalisações, caleiras para rega, divisorias, tectos e coberturas.

Económico, resistente, leve, isolador, higiénico e duradouro

O nosso serviço tecnico presta, gratuitamente, todos os esclarecimentos

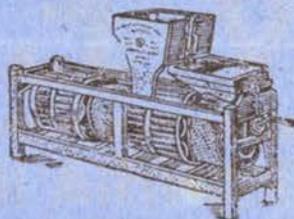
Distribuidores gerais:

CORPORAÇÃO MERCANTIL PORTUGUESA, L. DA

Rua do Alecrim, 10 — LISBOA

Telefone 2 3948 — 2 8941 Teleg: Fibrocimento

Crivos "MAROT"



São estes os únicos que satisfazem plenamente os agricultores, seleccionando com impecável perfeição trigo, centeio, cevadas e aveia

Pedir mais detalhes ao representante exclusivo em Portugal
CASA CAPELLA — Rua de S. Paulo, 109 — LISBOA

VIDA ALENTEJANA



100%

Pennsylvania

O melhor oleo ao preço de qualquer oleo bom

MENOR CONSUMO — MELHOR EFICIENCIA — MAIOR PODER

Distribuidores exclusivos em Portugal:

VEROIL

COMPANHIA IMPORTADORA DE OLEOS

LISBOA -- Avenida 24 de Julho, n.º 94 -- TELEF. 28023/4

Agentes e revendedores em todo o Paiz